

PODEMOS: UM TERREMOTO POLÍTICO QUE SACODE A ESPANHA

PODEMOS PARTY: AN EARTHQUAKE POLICY THAT WAGS SPAIN

Ana Lúcia da Silva*

Resumo

Este artigo analisa a conjuntura de emergência do Partido Podemos na Espanha, assim como suas propostas e trajetória, desde a primeira eleição da qual participou, em maio de 2014, até a última, em junho de 2016. A autora, compreende o surgimento do Podemos como o resultado histórico das lutas e contradições que se desenvolveram na Espanha na esteira do movimento chamado 15-M, de maio de 2011, que, por semanas ocupou as praças na Espanha, ficando internacionalmente conhecido como os Indignados. Porque um terremoto político? A coligação de movimentos e organizações comandada pelo PODEMOS, em maio de 2015, venceu as eleições para prefeituras e províncias, elegendo a prefeita de Madrid e de Barcelona. Este jovem partido tornou-se também a primeira força política em toda a Catalunha e conseguiu ser a força mais votada nas comunidades de Aragão, Cantábria, Castela-a-Mancha, Valência, Baleares, Murcia e La Rioja. Na Europa, é hoje a única alternativa de esquerda consolidada. Todavia, já se observa uma mudança significativa no seu discurso, um certo abrandamento político. Em 2014, na primeira assembleia do PODEMOS, podia se ouvir que o céu se toma por assalto, não por consenso. Após as eleições de junho, quando o partido perdeu um milhão de votos em relação a dezembro, seus dirigentes já falaram em superar a fase da blitz e se converterem em um partido normal.

Palavras-chave: Podemos; 15-M (Movimento dos Indignados); democracia; Espanha; esquerda europeia.

Abstract

This paper analyzes, on one hand, the challenging conjuncture in which *Podemos* Party has emerged in Spain. On the other hand, the paper presents the proposals and an overview of the trajectory of this new political party, especially the period between the first election in which it participated, in May, 2014 and the last dispute in June, 2016.

Keywords: *Podemos* (We Can) Party. 15-M Movement (Indignants Movement). Democracy. Spain.

Um terremoto político sacode a Espanha tornou-se, em 2014, uma constante nas análises políticas sobre o país. O terremoto em questão é o partido político PODEMOS, que, registrado oficialmente como partido em janeiro de 2014, elegeu, em maio, cinco deputados

* Professora Titular de História Social do Brasil da UFG (aposentada). Doutora em História Social do Brasil USP. Especialista em Ciências do Desenvolvimento ILADES-CHILE. Ex-coordenadora do Mestrado em Ciências Agrárias do Departamento de História da UFG. Ex-Secretária Nacional de Formação da Central Única dos Trabalhadores 1984-1986. Fundadora e Vice Presidente da ADUFG - 1981-1983. Coordenadora Geral do Ponto de Cultura Abrindo Janelas Goiânia-Goiás. 2010-2016.

para o Parlamento Europeu (de um total de 54), com 7,98%, ou seja, com mais de 1,2 milhão de votos, sendo a quarta bancada mais votada na Espanha.

O terremoto se confirmou pelos resultados das eleições para prefeituras e províncias, que correspondem aos nossos Estados, realizadas em maio de 2015, quando a coligação de movimentos e organizações comandada pelo PODEMOS, *Ahora Madrid*, elegeu prefeita de Madrid Manuela Carmena, uma juíza que enfrentou a ditadura franquista. Já a coligação *Barcelona en Comú* elegeu prefeita de Barcelona Ada Colau, uma ativista das lutas contra os despejos. PODEMOS se tornou, também, a primeira força política em toda a Catalunha e conseguiu ser a força mais votada nas comunidades de Aragão, Cantábria, Castela-a-Mancha, Valência, Baleares, Murcia e La Rioja.

Com esses resultados, rompeu-se o bipartidarismo PP X PSOE vigente na Espanha desde 1978 e PODEMOS tornou-se a terceira força política da Espanha, após dois anos de seu surgimento.

A origem institucional do PODEMOS encontra-se no manifesto *Mover ficha: convertir la indignación en cambio político*, apresentado no fim de semana de 12-13 de janeiro de 2014 e difundido pela publicação digital *Público*, assinado por cerca de trinta intelectuais, personalidades da cultura, do jornalismo e do ativismo social.

O PODEMOS é a expressão das lutas e contradições que se desenvolveram na Espanha, principalmente na esteira do movimento chamado 15-M que, em maio de 2011, ocupou, por semanas, as praças na Espanha e que, internacionalmente, ficou conhecido como *os Indignados*.

Historicamente, o movimento 15-M é fruto de um conjunto de lutas de movimentos diferenciados que, a partir, principalmente, de movimentos surgidos durante a ditadura franquista (movimentos de moradia, feministas, ecológicos) ganharam expressão e diferenciação no período da Transição negociado pela própria ditadura e se expressou no pacto de Moncloa. A década de 70 é rica em movimentos que nascem com a preocupação de recuperar a memória histórica para revelar o que se passou durante a ditadura franquista. Após anos de silenciamento, o silêncio foi rompido quando, em 2000, encontraram-se na região de Bierzo, em Leon, em uma fossa comum, corpos de 13 civis republicanos assassinados em 1936, no início da Guerra Civil espanhola. Esse fato desencadeou uma ação coletiva mais sistemática. Criou-se a Associação para a Recuperação da Memória Histórica e emerge um movimento social de memória e direitos humanos com maior articulação interna e visibilidade pública.

Na Espanha, simultâneos aos movimentos de recuperação histórica, surgiram novos movimentos sociais na década de 70, com caráter antiburocrático, antimilitarista, anti-imperialista, antipatriarcal e antiprodutivista.

Essas lutas, próprias de identidades múltiplas e/ou multirreferenciais, típicas do ativismo contemporâneo, foram dinamizadas por uma juventude que se radicalizou, conectada a uma diversidade de temas e eixos de conflitos: a contrainformação, pioneira no Estado espanhol com iniciativas como Nodo50; a luta estudantil contra a mercantilização da educação, inicialmente a Lei Orgânica de Universidades (LOU) e, posteriormente, o Plano Bolonha; os protestos e assembleias contra a precarização do trabalho, como é o caso simbólico do May Day, que adquiriu dimensão europeia, vinculando sindicalismo de base, coletivos de precários, associações de migrantes, anarquistas e feministas, ou o ecologismo radical, vinculado ao decrescimento, à justiça ecológica e iniciativas pela soberania alimentar, entre outros.¹

Boa parte desses conflitos e coletivos convergiam em vários espaços de articulação e protestos conjuntos. No caso específico de Madri, por exemplo, criou-se em 1997 uma iniciativa denominada *Rompamos el Silencio* (RES), que, durante vários anos, e com certa intermitência, organizou uma “Semana de Luta Social”, com ações diretas de desobediência civil. Ao mesmo tempo que permitia a convergência de movimentos diversos (feministas, estudantis, anarquistas, antiglobalização, ecologistas, antimilitaristas, cultura livre etc.), serviam para intervir politicamente e visibilizar o conflito em torno de eixos temáticos como a moradia, a educação, a precariedade, as migrações, o gênero, o hacktivismo, a justiça climática, o controle social, entre outros.²

Esses movimentos, mantendo estratégias já utilizadas por outros movimentos, buscaram novas formas de incorporação de participantes sem militância anterior, através da mediação das redes sociais, acionando uma linguagem mais direta com o público.

Em 15 de maio de 2011, movimentos conhecidos como plataformas, dentre elas a Democracia Real Já (DRY) convocaram uma manifestação contra os políticos e suas propostas econômicas e políticas que circulavam, visando às eleições municipais, que se realizariam dentro de uma semana. Terminadas as manifestações, alguns militantes resolveram continuar na Praça Porta do Sol, um dos cartões postais de Madrid. A polícia, no entanto, resolveu reprimir e 24 ativistas foram presos. A resposta à repressão foi o aumento da ocupação da praça e, em poucos dias, o movimento se alastrou e dezenas de praças em toda a Espanha foram ocupadas. Juan Carlos Monedero, politólogo e professor da Universidade Complutense de Madrid, sintetiza o significado do Movimento 15-M, dizendo que ele foi o começo da possibilidade de mudanças na Espanha. Para ele, a esquerda, tanto a comunista como a social democrata, enfrentava um cataclisma em três dimensões:

1. Erros nas concepções teóricas. Para Monedero, alguns conceitos que têm sido, historicamente, pilares para a esquerda já não significavam nada. Dentre eles, estatização dos meios de produção, vanguardas definindo linhas dentro da concepção de Partido Único, os fins justificando os meios, pensamento articulado às necessidades das disputas internas do partido, possibilidade de trocar liberdade por justiça.
2. A catastrófica gestão tanto da esquerda comunista - que nunca confiou no povo e por isso construiu muros, encarcerou dissidentes, não permitiu a renovação através de eleições - quanto da esquerda social democrata, que, ao gestionar o sistema capitalista, acoplou-se a ele e se limitou a operacionalizar um sistema intrinsecamente perverso.
3. Por fim, o que ele considera a grande derrota, a mudança de valores ocorrida: da solidariedade para o individualismo. A sedimentação das ideias de que há uma luta de todos (as) contra todos (as), de que o público não funciona e de que o ser humano é mau por natureza.³

O 15-M aparece sem esses pressupostos da esquerda. Para ele, o símbolo do Movimento foi expresso em um cartaz que dizia: “não sabia que era impossível e foi lá e fez”. Para Monedero, o 15-M inaugurou uma nova narrativa política. Ele também acha que o 15-M dá força política ao PODEMOS dentro do qual se expressam duas visões de política. Os que estiveram na Praça e refletiram sobre o movimento pensam a política a partir de ações e de práticas; os que não estavam na Porta do Sol a pensam de forma intelectualizada e tendem a analisá-la através de pesquisas.⁴

Pablo Iglesias, secretário geral do PODEMOS, falando sobre o surgimento do 15-M diz:

Na Espanha, como em outros países da Zona do Euro, a fusão econômica e as medidas impostas para “salvar a moeda comum” aumentou o espectro de uma crise orgânica, que leva a termos políticos para o que nós chamamos uma crise do regime: que é, a exaustão do sistema político e social que emergiu da transição pós-Franco. A principal expressão social dessa crise do regime foi o movimento 15-M, a vasta mobilização dos indignados a qual, iniciada em 15 de maio de 2011, ocupou praças por toda a Espanha durante semanas. Sua principal expressão política veio a ser o PODEMOS.⁵

Em sua análise, afirma que

O 15-M apontou um espelho para a esquerda, revelando suas deficiências. Também colocou sobre a mesa o principal componente do senso comum: rejeição das elites

políticas e econômicas dominantes, sistematicamente assinaladas como corruptas. O 15-M também cristalizou uma nova cultura de contestação que não poderia ser compreendida pelas categorias de *esquerda* e *direita*, algo que os dirigentes da esquerda existente refutaram reconhecer desde o começo.⁶

Para Iglesias, no entanto,

A lógica do 15-M levou a sua exaustão; não conquistar os efeitos desejados pelos seus ativistas engajados, que esperavam que o social poderia substituir o institucional. Visando a reduzir a política a mera expressão dos contrapoderes sociais, construídos através de mobilização e paciente ativismo foi um dos maiores erros da intelectualidade movimentista da Espanha, que falhou em perceber que o *entretanto* era precisamente isso: um modo de trabalhar até a chegada do momento da audácia, que exigiria técnicas políticas bastante diferentes.⁷

Os fundadores do PODEMOS já pensavam que eram necessárias novas formas de fazer política, baseando-se, principalmente, em um conjunto de experiências políticas, dentre as quais as da chamada *década ganha* na América Latina, e em um modelo específico de comunicação política que desenvolviam com um programa televisivo, *La Tuerka*. As análises da realidade da América Latina ofereceram-lhes ferramentas teóricas para interpretar a crise espanhola, dentro do contexto da periferia da Zona do Euro. Desde 2011, começaram a falar da “latinoamericanização” da Europa Meridional, que indicava a abertura de uma nova oportunidade política.⁸

Os dirigentes do PODEMOS elaboraram uma nova narrativa das contradições políticas da Espanha, fora do esquema direita e esquerda. Sua narrativa apontava que a Espanha estava dividida entre os *de arriba* e os *de abajo*, ou seja, uma casta de privilegiados, de um lado, e as amplas maiorias sociais de outro. Ademais, para eles, a massa da população era educada pela televisão, fora da dicotomia esquerda x direita. Pablo Iglesias, em uma palestra, disse que a grande mensagem do 15-M foi que o senso comum não é de esquerda nem de direita, mas tem valores de justiça e que, por isso, a esquerda tem que deixar de ser uma religião e se transformar em instrumento nas mãos do povo, converter-se em povo. Para ele, fazer a auditoria da dívida pública não é de esquerda nem de direita, mas de senso comum, pois toda pessoa é capaz de entender a necessidade da auditoria.

Para Iglesias a dicotomia direita x esquerda deixa a direita feliz, pois, se todos os partidos de esquerda da Espanha se unissem, teriam 30% dos votos. Para ele é isso o que a direita quer: a esquerda satisfeita de somente marcar posição.⁹

Os principais dirigentes do PODEMOS também estavam percebendo que as pessoas tinham deixado de militar nos partidos para militar nas mídias e que essa mudança era um desafio para a esquerda. Para enfrentar essa realidade, começaram a experimentar esse espaço de disputa política, criando dois programas, La Tuerka, programa de entrevistas criado em 2010 por Pablo Iglesias, e Fort Apache, um programa de debates, no início na internet, depois pela televisão.¹⁰

O sucesso dos programas levou a que Pablo Iglesias, que se encontrava à frente dos dois, fosse chamado para vários programas de debates das grandes cadeias de televisão da Espanha. O PODEMOS passa a ter o rosto televisivo de Pablo Iglesias, um jovem político articulado teoricamente, que sabe comunicar-se com as massas televisivas e tem um visual incomum para um político: nunca se apresenta de terno, usa rabo de cavalo e pulseiras artesanais nos dois braços.¹¹

Ao lado da presença televisiva, o Partido tem, também, como característica um intenso ativismo político pelas redes sociais (principalmente Twitter e Facebook), meticulosamente geridas por uma equipe especializada do partido e retroalimentadas pela militância e por simpatizantes.

O sucesso eleitoral de PODEMOS para o parlamento europeu indicou que estavam no caminho certo em relação à análise que faziam da crise política da Espanha, que denominavam crise do regime e não crise de Estado.

Politicamente, a Espanha vivia um bipartidarismo desde a transição articulada por Francisco Franco e consagrada nos Pactos de Moncloa. PSOE e PP se revezavam no poder desde 1978.

Iñigo Errejón, secretário político do PODEMOS, afirma que o Partido analisava que o ciclo iniciado com a constituição de 1978 se esgotara e se expressava em várias crises, ou seja, havia uma crise orgânica do bloco de poder, crise de seus consensos, de suas certezas, de suas instituições, de suas formas de articulação social. Ele destacou sete elementos dessa crise.

1. Ocorreu uma ofensiva oligárquica, ou seja, os privilegiados romperam o contrato social vigente desde Moncloa e concentraram renda, poder e capacidade de decisão, com a contrapartida do aumento da pobreza para a maioria da população.

2. Desprestígio dos atores políticos tradicionais e perda de coesão das elites e de seus partidos, que não se comportam como corpo homogêneo. Continuam tendo votos, mas votos sem esperança de mudanças. As elites agem com uma visão patrimonialista do Estado, buscando tirar dele o que podem em benefício próprio. Contraditoriamente, esta visão lhes impede de ter planos estratégicos e projetos a longo prazo, o que leva a seu desgaste social.
3. Descrédito nas instituições e no Estado de direito. O Estado está controlado por grupos bem mafiosos, o que dificulta até o desempenho dos servidores públicos que queiram realizar seu trabalho com competência.
4. Descrédito no modelo de desenvolvimento que, com as turbulências financeiras, principalmente a de 2008, mostrou-se débil. A Espanha aceita servilmente ser periferia do sistema na área de serviços de turismo, construção, atividades especulativas e urbanismo, competindo com baixa competitividade o que implica piores salários, menores garantias no emprego etc. Há, inclusive, toda uma geração bem preparada que deixou o país em busca de melhores condições de vida.
5. Descrédito nas promessas de ascensão social, na crença de que cada geração viveria melhor que a anterior, tipo de crença muito arraigada na classe média espanhola. E, como hoje cada geração vive pior, o consenso em torno do projeto de desenvolvimento das oligarquias se rompeu, aumentando a insatisfação das classes médias, principalmente nas grandes cidades.
6. Descrença na unidade europeia e na importância da Europa. O governo espanhol faz o que determina a troika instalada em Bruxelas. As políticas por ela propostas aumentaram o desemprego e não criaram as condições para se pagar a dívida, exatamente o contrário do que prometeram. Elas também destruíram as ilusões de ser europeu e aprofundaram a crise da unidade europeia.¹²

Essa crise aumenta o ciclo de protestos de mobilização coletiva e a recuperação da política por parte do povo comum, culminando com os Indignados, que, por cinco semanas, ocuparam as praças da Espanha. Essas manifestações, no entanto, não conseguiram abalar o Estado, havendo, por isso, uma crise de regime e não de Estado, pois este continua reprimindo protestos, impondo determinações, controlando as instituições.

O ciclo de protestos, mesmo que não tenha mudado o equilíbrio de poder, colocou pautas e abriu possibilidades políticas de mudanças na Espanha. Também possibilitou a passagem de ações fragmentadas, sem objetivo comum, a uma vontade popular unida.

Essa perspectiva da necessidade de mudanças tem sua visibilidade numa manifestação convocada para 31 de janeiro de 2012, histórica pelo número de participantes e porque exigiu muito esforço para sua realização. Era uma manifestação sem pedidos, sem reivindicações, sem queixas. Foi uma manifestação em que não se pedia nada e com uma palavra de ordem: “a hora é agora”. Uma manifestação que dizia estar o povo em marcha e querer recuperar as instituições políticas para si. Apesar da falta de acúmulo nesse tipo de convocatória, resolveram ousar, em função da análise que faziam da possibilidade de mudanças. O sucesso da manifestação - calcula-se em 100 mil pessoas na Porta do Sol, vindas de todas as partes do país - sinalizou que estavam no caminho certo e que deviam ousar, criando um partido que contribuísse para o conteúdo político e social das manifestações e as expressasse em âmbito institucional.

Tendo nascido nesse processo de intensas lutas políticas, o PODEMOS não se configura como partido tradicional; exprime o processo em que nasceu: é um partido em movimento ou um movimento partido. Procurou, no seu nascimento, expressar as mensagens dos Indignados: sendo um partido de esquerda, não tem como eixo, na sua relação com a sociedade, a dicotomia esquerda e direita. Dirige-se ao que ele denomina maioria social, ou seja, a todos (as), vítimas da exploração capitalista, que estão desempregados, com empregos precários, que perderam casas, que não têm acesso ao direito, à saúde, à educação, ao transporte e à moradia digna. Para eles, na Espanha há, de um lado, uma minoria de privilegiados que formam uma casta e a maioria da população privada de direitos sociais básicos: emprego, moradia, acesso à educação, à saúde etc. É uma enorme população que, apesar de sua situação, vota nos dois tradicionais partido espanhóis PP e PSOE, principais responsáveis pela aplicação das medidas de ajuste impostas pela Troika e que agravaram suas condições de vida. PODEMOS visa atingir, também, os eleitores desses partidos.

PODEMOS, desde o início de sua formação, procura, também, superar os limites do que eles denominam democracia sem povo, isto é, o povo é chamado a votar de quatro em quatro anos e, depois, mandado para casa. Inclusive, para seguir adiante com o projeto e apresentar-se às eleições europeias de maio de 2014, os iniciadores do movimento pró-partido, impuseram-se três desafios: receber o apoio de pelo menos 50.000 pessoas na web para a

formação do partido; que as candidaturas, como o programa político do projeto, se realizassem mediante participação aberta; e que se buscasse a unidade com outros partidos e movimentos de esquerda. Foram surpreendidos, pois, em menos de 24 horas, atingiram de mais de 50.000 pessoas.

A estrutura organizativa do Partido é pensada, também, para superar os limites da democracia sem povo. Sua organização está constituída em três planos diferenciados:

A) Assembleia Cidadã: base social e geral do PODEMOS, composta por todos os inscritos no partido, que se constitui, formalmente, como o principal órgão decisório;

B) Os órgãos de direção, quais sejam: Conselho Cidadão (órgão de direção política com funções executivas, dividido por áreas e responsabilidades) e Secretaria-geral (principal representação política e institucional do partido, responsável pela coerência interna e pela coordenação das áreas executivas do Conselho Cidadão);

C) Comissão de Garantias Constitucionais, órgão encarregado de cuidar do respeito aos direitos dos filiados ao Partido, assim como dos princípios e normas da organização. É composto por membros eleitos de forma direta e independente em primárias abertas.

Na prática cotidiana, como participação direta, funcionam também os Círculos, agrupamentos de base local/territorial próximos, porém autônomos em relação ao partido, que reúnem, a partir de critérios setoriais e/ou geográficos, indivíduos e grupos diversos e diferentes formas de organização.

Também fazem consultas diretas à população, seja para colher dados para seu programa eleitoral, seja para definir ações partidárias. Houve, por exemplo, consulta se deveria ser proposta aliança com o PSOE para as eleições.

Para Igrejas, essa estrutura busca manter a retroalimentação entre o partido e o movimento e, em termos práticos, foi pensada também para ganhar eleições pela retroalimentação maioria social/partido.

Ao analisar a crise de regime na Espanha, o PODEMOS chegou à conclusão de que a corrupção que percorre o aparelho de Estado tem sua origem, principalmente, no financiamento privado de campanhas e no costume das portas giratórias, ou seja, um político deixa um cargo

de dirigente e passa a fazer parte de Conselhos Administrativos de empresas multinacionais. O Partido percorre outro caminho: não aceita financiamento empresarial para suas campanhas, proíbe que ex-dirigentes vão para conselho de empresas. Os dirigentes também não podem aceitar privilégios de cargos no aparelho de Estado e foram definidos limites de remuneração para quem ocupa esses cargos.¹³

O PODEMOS é um partido que, por sua origem de muitos lugares, de muitas lutas, de muitos territórios e de muitas concepções, mantém discussões e tensões internas profundas e diferenciadas, com muitas crises, dentre elas a saída, por opção própria, de Juan Carlos Monedero da direção do Partido, em maio de 2015, logo após coordenar a elaboração do Programa do Partido para as eleições.

Outra crise foi a substituição do secretário de organização, em março de 2016, envolvendo vários dirigentes de Madrid.

Na conjuntura da crise de regime na Espanha, o Partido apresenta um programa considerado por eles mesmos como de senso comum, ou seja, um conjunto de propostas que visam assegurar a todos os direitos humanos básicos. Logo, não é um programa revolucionário. Ele está estruturado em torno de dois eixos:

A) Um plano para devolver a Espanha ao seu povo. O Partido reconhece que se trata de um programa social democrata, que tenta recuperar o contrato social de bem estar, rompido pelas minorias que controlam o aparelho de Estado.

B) Um plano contra a corrupção, com democracia, com direitos, com unidade, com justiça.

Seu programa econômico prevê a proibição de demissões em empresas com benefícios fiscais; a conversão do Banco Central Europeu numa instituição democrática; a auditoria da dívida pública, feita pelos cidadãos; a nacionalização de setores estratégicos da economia; impostos sobre as grandes fortunas.

Propõe a criação de novos escalões de Imposto de Renda (IRS) para os rendimentos anuais superiores a 60 mil euros, os rendimentos superiores a 300 mil euros seriam taxados pela taxa máxima: 55%. Propõe, também, definir uma taxa padrão de 30% sobre os dividendos

distribuídos pelos acionistas e de 25% para os dividendos reinvestidos. Finalmente, propõe eliminar a maioria das deduções de que se podem beneficiar as grandes empresas.

Em relação ao IVA (Imposto sobre valor agregado), principal imposto pago pelos espanhóis, PODEMOS quer colocar maior número de alimentos e bebidas não alcoólicas no conjunto dos produtos que se beneficiam da taxa reduzida de 4% e aplicar a taxa de 10% ao gás e à eletricidade. Diminuir a taxa aplicável aos produtos culturais e bens escolares e criar uma nova taxa de 25% aplicável sobre os bens de luxo.

No que toca aos impostos sobre heranças e património, a proposta é aumentá-los e conciliar a carga fiscal aplicada nas diferentes regiões autónomas. Para combater a fraude, a proposta é ampliar para dez anos o período de prescrição das penas e reforçar as competências da autoridade.

O Partido pretende revogar a reforma trabalhista feita pelo PP e baixar, progressivamente, a idade de aposentadoria para os 63 anos. Pretende aumentar o salário mínimo para 800 euros em dois anos, e atingir os 950 euros no último mês da próxima legislatura. Propõe, também, um rendimento mínimo, num montante mínimo de 600 euros e máximo de 1.290 euros, para todas as famílias cujos meios de subsistência não permitam superar o limiar da pobreza. Pretende, ainda, vincular as revisões das pensões à inflação e assegurar o aumento progressivo das pensões ao longo da próxima legislatura.

PODEMOS quer fazer, também, uma reforma constitucional, tendo em vista a reorganização do modelo territorial, assegurando mais poderes às regiões autónomas, bem como definir um novo sistema eleitoral. Propõe, também, rever o sistema de financiamento partidário e das regiões. Quer, ainda, que a Constituição Federal contemple, enquanto direitos fundamentais, o direito à habitação, à educação e à saúde.¹⁴

Com esse programa económico de mudanças, concorreu às eleições gerais em 20 de dezembro de 2015. Pablo Iglesias, secretário geral do Partido, era o candidato a Presidente. O PP, partido que está à frente do governo com Mariano Rajoy, postulante à reeleição, foi o partido mais votado, tendo elegido 122 deputados e obtido 28,7% dos votos. Em segundo lugar ficou o Partido Socialista (PSOE), com Pedro Sánchez, tendo conseguido 91 cadeiras e 22% dos votos. PODEMOS ficou em terceiro lugar, com 69 cadeiras e 20,6% dos votos. Ciudadanos, de Albert Rivera, teve 13,9% dos votos e elegeu 40 deputados. No complexo sistema parlamentarista da Espanha, para formar o governo um partido precisa ter 176 deputados. Não

se conseguiu formar o governo, pois o PSOE não aceitou aliar-se ao PP e, apesar de insistentemente procurado pelo PODEMOS, também não aceitou essa aliança.¹⁵

Novas eleições foram marcadas para 26 de junho de 2016. O PODEMOS e Izquierda Unida aliaram-se, apresentando-se como Unidos PODEMOS, mantendo basicamente o mesmo programa das eleições de dezembro. Durante o processo eleitoral, Unidos PODEMOS sofreu duros ataques de todas as outras formações: PP, PSOE e Ciudadanos.

Apesar do fogo cerrado, todas as pesquisas indicavam a vitória da Unidos PODEMOS. No entanto, o PP saiu novamente vitorioso e aumentou o número de cadeiras, passando de 122 para 137. O PSOE obteve 85, perdendo 5 cadeiras, Unidos PODEMOS, 71 e Ciudadanos caiu de 40 para 32. Unidos PODEMOS manteve o mesmo número de cadeiras, pois, nas eleições de dezembro, o PODEMOS obtivera 69 cadeiras e Izquierda Unida duas, mas, surpreendentemente, obteve um milhão de votos a menos, por causa do aumento da abstenção.

A decisão sobre quem governará a Espanha permanece nas mãos do PSOE, pois o PP não obteve as 176 cadeiras necessárias para, sem alianças, formar o governo.

No dia 27 de junho, Juan Carlos Monedero, ex-dirigente do PODEMOS, publicou em seu blog uma avaliação da participação do Partido nas eleições: achou que, por acreditar nas pesquisas, não fez o mais importante: estar na rua!

Podemos carece da voz das ruas. Falta-lhe mobilização popular, identificar-se com os problemas sociais, participar dos protestos de trabalhadores, discutir mais com os sindicatos, com os estudantes, com os empregados, com os movimentos, com os autônomos, com os prejudicados pelas multinacionais. A Podemos faz-lhe falta ser menos brilhante na televisão - onde já o é de sobra - e ser mais útil à gente que está na rua.

...

Se Podemos se mimetiza com os demais partidos, será medido tal como eles. E Podemos se mimetizou na tediosa discussão parlamentar para formar governo, no tedioso debate a quatro, na estrita presença parlamentar, na falta de originalidade na organização interna. Não se trata de ser esquerdista, mas de ser original.¹⁷

Pablo Iglesias, candidato a presidente por Unidos PODEMOS, ao abrir um programa Fort Apache de análise das eleições de 26 de junho, apresentou sua interpretação dos resultados: para ele, o resultado significou que o medo derrotou a esperança, o que se expressou na perda de um milhão de votos por parte da Unidos PODEMOS, votos que não foram para outras legendas, mas se referem a pessoas que não se dispuseram a votar.

Para ele, essas pessoas simpatizavam com o PODEMOS, votaram nele, mas quando, inclusive pela aliança com a *Isquierda Unida*, apareceu a possibilidade concreta de ganharem, o que foi detectado pelas pesquisas, tiveram medo das mudanças. Para ele, o BREXIT, ou seja, a saída da Inglaterra da zona do euro, anunciada 48 horas antes das eleições espanholas, só acentuou esta tendência, o que levou a aumentar a abstenção.¹⁸

No mesmo programa, outros participantes assinalaram que foram eficazes a educação baseada na ideia de governabilidade e de segurança, implementada desde 1978, aliada à campanha do medo desenvolvida pelo PP e coadjuvada pelo PSOE. Unidos PODEMOS não conseguiu manter a chama de esperança e de mudança em todos (as) que votaram no PODEMOS nas eleições gerais de 20 de dezembro.¹⁸

Apesar de o pacto social ter sido rompido e de as condições de vida da maioria da população terem piorado; apesar dos inúmeros escândalos de corrupção, que envolveram desde a Casa Real até a alta cúpula do PP, pelo voto e pelas abstenções, o PP manteve sua hegemonia. Monedero disse que, apesar da corrupção do PP, as pessoas preferiram votar no mal conhecido a votar no bem desconhecido.

Participando de um curso na Universidade Complutense de Madrid, Pablo Iglesias, Iñigo Errejón e Irene Montero concordaram que o resultado das eleições de 26 de julho exigirá uma nova estratégia para o PODEMOS e para a Espanha. Para eles, a vitória histórica do PODEMOS, que, com dois anos de existência, quebrou o bipartidarismo existente na Espanha desde 1978, tornando-se a terceira força política na Espanha, ganhou várias prefeituras e passou a governar as duas maiores cidades da Espanha (Madrid e Barcelona) deve-se a que o partido soube interpretar as mudanças que os Indignados colocaram na mesa em 2011 e soube, também, entender que a televisão e as novas mídias se tornaram espaços mais importantes de atuação política que o Parlamento e, para alguns, mais importantes que a participação em partidos.

Para eles, essas eleições encerram um ciclo para o PODEMOS, ou seja, este deixa de ser um partido, na perspectiva gramsciana, da guerra de movimento, um partido partizan, de blitz e passa a ser um partido de guerra de posição, um partido de formas de lutas mais tradicionais.

Para eles, o Partido enfrentará uma série de desafios, visando ganhar as próximas eleições gerais:

Em 2014, na primeira assembleia do PODEMOS, Pablo Iglesias disse que o céu se toma por assalto, não por consenso. Durante as várias campanhas, o Partido mostrou que, face às políticas de austeridade implantadas na Europa, ele era a única alternativa no continente, o que mantém e aumenta sua responsabilidade, agora que deixa de ser o partido da blitz e passa a atuar como partido normal.

"Entramos em uma fase em que temos que nos converter em um partido normal, e isso tem enormes riscos"¹⁹, disse Iglesias, que liderará uma bancada de 71 deputados, a terceira maior da Câmara de Deputados, atrás apenas das do PP (Partido Popular, conservador) e do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol, socialdemocrata). "Esse desafio me impressiona, me assombra, inclusive, porque passar a ser um exército regular não vai ser fácil, e ninguém garante que vamos nos sair bem"¹⁹, reconheceu Iglesias. Para ele, o trabalho parlamentar "pode ser maravilhoso ou pode ser o caminho para o cretinismo político [...] Conseguimos sobreviver graças ao fato de que tínhamos 'sex appeal'. Agora, nossa capacidade de mantê-lo diminuiu".¹⁹

Errejón, concordando com Iglesias, afirmou: "não está excluída a possibilidade de que o PODEMOS governe a Espanha, mas será outro PODEMOS, outra coisa. Mais previsível, menos sexy, e que gere menos medo e menos incerteza".²⁰

Para Iglesias, o desafio maior é como configurar um novo Bloco Histórico, uma nova cultura política para dar a direção política e intelectual e enfrentar o Bloco Histórico configurado pelo PP. Na disputa do dia 26 de junho, ficou claro que o PP é o articulador de um bloco histórico, inclusive com os meios de comunicação sendo seu principal porta voz. Os editoriais dos principais jornais espanhóis defendiam, no processo eleitoral - e, agora, defendem com mais veemência - que a tarefa histórica do PSOE é apoiar o PP para governar a Espanha nos próximos quatro anos.

Analisando-se as contradições que perpassam a atual fase da crise do capitalismo, constata-se que a luta de classes se intensifica, que explodem variados conflitos, inclusive com o aumento dos conflitos armados, e que as tendências fascistas avançam no mundo. Na Europa, a única alternativa de esquerda consolidada é o PODEMOS, na Espanha.

Os principais dirigentes do Partido disseram, nas mais variadas circunstâncias, que aprenderam muito com os movimentos populares na América Latina na década de 90, quando vários países elegeram governos progressistas e questionadores do neoliberalismo. Falam de sua perplexidade vendo o caldeirão de transformações que ocorria na América Latina enquanto na Espanha nada se passava. Quando parecia que, na Espanha, nada aconteceria, no dia 15 de

maio de 2011, os *Indignados*, 15-M ocupam as praças do país mandando recados para os políticos e seus partidos: não nos representam!

E, a partir de diferentes espaços, ativistas e intelectuais da universidade se colocaram um desafio: como transformar a indignação social em indignação política, criando um partido que faça a diferença? O PODEMOS é um movimento partido, um partido movimento que nasce a partir do 15-M, mas não representa o 15-M, pois, como diz Monedero, ninguém pode representar o 15-M (Indignados). E nós, no Brasil, neste momento de profundo impasse, inclusive de avanço das forças reacionárias, entreguistas, com traços mesmo fascistas o que podemos aprender com o PODEMOS?

NOTAS:

1. Bringel, Breno. 15-M Podemos e os movimentos sociais na Espanha. P.59- 77. Novos Estudos 103. Novembro 2015. P.67.
2. Bringel, Breno Idem, ibidem
3. Monedero, Juan Carlos. Outra Vuelta de Tuerka. Publicado no Youtube em 10 de maio de 2015
4. Idem, ibidem.
5. Iglesias, Pablo. New Left Review. Tradução para o português: Charles Rosa. Exclusivo para esquerda socialista.com.br. Pag. 1.
6. Idem, ibidem. P.1
7. Idem, Ibidem P.1
8. Entre os principais fundadores do Podemos encontramos: Pablo Iglesias Turrión, doutor em Ciências Políticas; Iñigo Errejón, doutor em Ciências Políticas, Juan Carlos Monedero, Doutor em Ciências Políticas, Carolina Bescansa, doutora em Sociologia. Luis Alegre, filósofo e escritor, todos eles professores da Universidade Complutense de Madrid. Monedero assessorou por 2 anos o governo venezuelano de Hugo Chávez, Iñigo Errejón esteve na assessoria de Evo Morales na Bolívia e fez sua tese de doutorado sobre: La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS em Bolívia (2006-2009): un análisis discursivo. Em sua tese de doutorado Iglesias analisou os movimentos de insurgência: Desobedientes: De Chiapas a Madrid. Editorial Popular, Madrid, 2011 Monedero tem dois livros importantes para entender as teses de Podemos: Disfarces do Leviatã, El papel del Estado em la globalización neoliberal, AKAI, Madrid, 2009 e Curso urgente de política para gente decente. Editorial Planeta, Barcelona, 2013.

9. El secreto de Pablo Iglesias. Extracto de la Intervención de Pablo Iglesias dentro de la charla “ Que és uma democracia real? Celebrada em la Sala Liberador 05/02/204. Publicado no Yotubeem 6 de fevereiro de 2014.
10. Todos os programas La Tuerka e Fort Apache estão publicados em Yotube. La Tuerka (Parafuso), entrevista artistas, sociólogos (as), filósofos, políticos, cantores (as). E Fort Apache debate os mais variados temas da conjuntura política internacional, inclusive fez um debate sobre o golpe no Brasil com o título “Golpe Blando em Brasil”?
11. Aproveitando a imagem de Pablo Iglesias, o PODEMOS, nas eleições para o Parlamento Europeu, realizadas dois meses após a fundação do Partido, inovou, colocando o rosto dele na cédula, inovação esta que, segundo análises, carreou votos para o Partido.
12. Intervenção de Iñigo Errejón no Foro Internacional por la Emancipación Y la Igualdad, realizado em Buenos Aires e publicado Youtube em 15 de março de 2015.
13. O salário dos deputados fica limitado a três salários mínimos, ou seja, cerca de 1950 euros e os seus subsídios de alojamento ficam reduzidos a um máximo de 850 euros. Os deputados devem, ainda, renunciar a pensões para antigos parlamentares e a outros montantes como os 3000 euros mensais para táxis e o reembolso da ligação de Internet no domicílio. Os recursos a mais desta limitação vão para os cofres do Partido ou realizam editais públicos para pequenos projetos.
14. Este programa nasceu de discussões em todas as instâncias do Partido, de contribuições enviadas por pessoas, via internet, e contou com a contribuição de inúmeros economistas, como Thomas Piketty. Para as eleições de 26 de junho de 2016 foi apresentado como um catálogo.
15. A chegada de Podemos ao Parlamento expressou a diversidade da sociedade espanhola: as mulheres são 49% dos eleitos (a cota, por lei, é de 40% de candidatas), pela primeira vez foi eleita uma pessoa negra e imigrante, Rita Bosaho de Alicante, e, também, um trabalhador, com cabelo rasta, Alberto Rodrigues, das Ilhas Canárias. O que levou uma deputada do PP a aconselhar ao deputado que mantivesse os cabelos limpos para evitar que piolhos pudessem se alastrar pelo parlamento.
16. Izquierda Unida é um partido que surgiu em 1986 e foi registrado como partido em 1992. É uma federação formada por partidos de esquerda, de tendência republicana, laica e federalista, entre os quais o Partido Comunista de Espanha, Esquerda Republicana, União de Juventudes Comunistas de Espanha, Coletivo de Unidade dos Trabalhadores-Bloco Andaluz de Esquerda, Partido Operário Revolucionário e Ecosocialistas de la Región de Murcia.
17. Monedero, Juan Carlos, Blog Comiendo Tierra/ 27/06/2016. Tradução Nossa
18. Iglesias, Pablo. Programa Fort Apache- Espanha publicado no Youtube em 2 de julho de 2016. Na Espanha votar nas eleições não é obrigatório.
19. Iglesias, Pablo. Cambio político em España Cursos de Verano UCM de El Escorial. Publicado no Youtube em 4 de julho de 2016.

20. Errejón, Iñigo, Cambio político em España Cursos de Verano UCM de El Escorial. Publicado no Youtube em 4 de julho de 2016.

Abstract:

This paper analyzes the rise of the Podemos (We Can) party in Spain, as well as their proposals and trajectory since their first electoral campaign in May 2014 up to their most recent in June 2016. The author understands their rise as the historical result of the struggles and contradictions that developed in Spain in the wake of the movement called 15-M, which occupied public squares for weeks in Spain, becoming internationally known as the Indignados (Outraged). Why is it a political earthquake? The coalition of movements and organizations led by Podemos won elections to municipalities and provinces in Spain in May 2015, electing Madrid's and Barcelona's mayors. This young party also became the first political force throughout Catalonia and could be the most voted force in the communities of Aragon, Cantabria, Castilla-La Mancha, Valencia, Baleares, Murcia and La Rioja. In Europe, it is today the only consolidated alternative to the left of the political spectrum. However, it has been observed a significant change in its speech and a certain political relaxation. During Podemos' first political meeting in 2014, one could hear that the sky is stormed by assault, not by consensus; after June elections, when the party lost a million votes compared to December's campaign, its leaders are speaking of overcoming the blitz phase and of transforming into a normal party.

Keywords: Podemos (we can party). 15-M (the Indignant Movement). Democracy. Spain. European left.